



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**Débora Brandão de Lima Maia**

**PODER (PARA) DIZER DE NÓS:**  
LEITURAS FEMINISTAS NA PASSAGEM DE UMA ÚNICA HISTÓRIA  
A UMA HISTÓRIA ÚNICA DE MULHERES MÃES

Maceió  
2023

**DÉBORA BRANDÃO DE LIMA MAIA**

**PODER (PARA) DIZER DE NÓS:**  
LEITURAS FEMINISTAS NA PASSAGEM DE UMA ÚNICA HISTÓRIA  
A UMA HISTÓRIA ÚNICA DE MULHERES MÃES

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

**Orientadora:** Profa. Dra. Maria Auxiliadora Teixeira Ribeiro.

Maceió  
2023

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária Responsável: Livia Silva dos Santos - CRB 1670

M217p Maia, Débora Brandão de Lima.

Poder (para) dizer de nós: leitura feministas na passagem de uma única história a uma história única de mulheres mães / Débora Brandão de Lima Maia. – 2023.

158 f.

Orientadora: Maria Auxiliadora Teixeira Ribeiro.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 152-156

Apêndice: f. 157-158

1. História - Mulheres. 2. Leituras feministas. 3. Mulheres – Histórias - Grupos.  
4. Maternidade. I. Título.

CDU: 159.942



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGP

## TERMO DE APROVAÇÃO

**DÉBORA BRANDÃO DE LIMA MAIA**

Título do Trabalho: ***"PODER (PARA) DIZER DE NÓS: LEITURAS FEMINISTAS NA PASSAGEM DE UMA ÚNICA HISTÓRIA A UMA HISTÓRIA ÚNICA DE MULHERES MÃES"***.

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** MARIA AUXILIADORA TEIXEIRA RIBEIRO  
Data: 27/07/2023 10:28:39-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Profa. Dra. Maria Auxiliadora Teixeira Ribeiro (PPGP/UFAL)

Examinadoras:

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** MARILIA SILVEIRA  
Data: 27/07/2023 14:01:32-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Profa. Dra. Marília Silveira (PPGPS/UERJ)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** SUSANE VASCONCELOS ZANOTTI  
Data: 27/07/2023 15:20:45-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Profa. Dra. Susane Vasconcelos Zanotti (PPGP/UFAL)

Maceió-AL, 27 de julho de 2023.

À vovó Flora, à vó Noêmia e ao vô Toinho  
Meus últimos antepassados aqui na terra.  
Partiram no tempo desse mestrado,  
e eu muito não sabia ainda sobre elas e  
ele. Meus amores, escrever essa história  
me fez saber mais sobre mim,  
e me aproximou também de vocês.

## AGRADECIMENTOS

A Maria, minha filha única, cujo sentido de ÚNICA é construído dia a dia no nosso viver juntas, com dedicação e cuidados meus a ela e delas a mim. Obrigada, meu amor, pela sua presença e parceria que, em especial, encheram de esperança e até de beleza esses últimos anos tão difíceis. Obrigada por compartilhar o tempo e o espaço das suas aulas remotas com os das minhas aulas do mestrado remoto. Obrigada pelos “bilhetinhos de cuidado” colocados por debaixo da porta do escritório, quando eu estava fazendo meus atendimentos psicoterapêuticos online e você ficava aguardando em outro cômodo da casa, com as perninhas ansiosas por movimento e liberdade: “Mamãe, fui brincar na casa da Maya”. Foi lindo sermos “Eu e tu, Tu e eu”; é lindo ainda, quando acontece. E eu espero que por muitos anos nas nossas vidas seja assim.

À mainha, pela sua maternagem dançante, que me tomou no colo de formas tão diferentes ao longo das nossas vidas. Obrigada, meu amor, por ainda me pôr no colo. Por ter corrido e ajustado tudo que estava ao seu alcance na sua vida e no seu trabalho para atender ao meu grito de socorro ecoado de Maceió a Porto de Pedras-AL, pelo WhatsApp. Meu corpo estará para sempre marcado de amor pelas memórias daquela semana de 10 a 24 de abril de 2023, em que você “se mudou” para a minha casa, cuidou dela, da nossa comida, da Maria e de todas as rotinas me permitindo ter tempo de qualidade, de concentração, para tentar terminar a escrita dessa dissertação.

Ao painho, pelo tão imenso amor que se permitiu me ouvir quando fui me conhecendo mais e lhe contando de mim lá atrás, ainda me “tornando gente”. Obrigada, meu amor, por aceitar que eu narrasse minha própria história, mesmo quando isso lhe doía e talvez não fazia sentido para você. Sua generosidade foi grande, e eu fiquei grande. Seu cuidado se faz presente na minha vida, e foi muito importante também para a realização desse espinhoso percurso acadêmico, que tantas vezes parecia estar empenhado em destruir (meus) afetos. Um desses momentos, foi quando você nos apoiou na organização da festinha de 9 anos da nossa Maria, e fez junto conosco acontecer a magia do 12 de março que quase ficaria perdida.

Ao meu irmão Lucas, pela alegria, incentivo e orgulho expressados com cada passo meu.

Ao meu companheiro Gilson, por não me deixar só na experiência das jornadas duplas, triplas e quádruplas. Pela companhia no conhecer, no sentir e no viver as dores e as delícias do cuidar. Obrigada, meu amor, pela vontade de me ver caminhar até o fim. Por ter trabalhado em casa e fora para unir forças e recursos comigo. Pelo tempo “aumentado”; e aguardado. Por cada vez que ouvi sua voz grave, gentil, resistente, e sobrevivente, buscando me compreender: *Do que você tá precisando agora? O que a gente tem que fazer? É ir pra cima!*

À tia Rejane, minha sogra. Mais uma mulher amorosa e forte a me maternar. Obrigada, querida, por sempre (sobretudo desde que a Maria nasceu) cuidar de nós. Por buscar ela na escola, quando não podíamos; por fazer as tarefinhas com ela; por ir comprar o tecido e adereços para o traje da festinha junina (e por confeccionar). Quantas vezes encheu meu coração de emoção, meu rosto de lágrimas silenciosas e meu corpo de segurança, quando ao chegar em casa do trabalho, eu encontrei tudo (muito mais do eu esperava) tão atenciosamente cuidado: nossa casa organizada,

nossa comida preparada, as roupas recolhidas do varal... conviver com você tem sido uma rara experiência de aprender a beleza de ficar vulnerável para ser cuidada.

À Cláudia, minha cunhada, por fazer a Maria reconhecer na vida dela a relação com uma “Titiiiiiiiiia!!!”. Obrigada pela alegria de vê-la correndo pros teus braços, de receber os teus abraços e xêros. Pelo apoio e cuidado tão presentes que viram coisas em nossas vidas: brinquedos feitos a mão e brincadeiras feitas com entrega; telas que ornamentam as paredes da nossa casa; colares que enfeitam nossos corpos... Obrigada também pelas vezes que buscou a Maria na escola; que a acompanhou nas tarefas e nos estudos; que ficou responsável por ela. Pois, além de ter me possibilitado, em tantos momentos, trabalhar, estudar, escrever; teceu/tece com a gente uma rede de cuidado e amor para fazer viver e crescer bem a Maria.

Às mulheres com quem eu me encontrei e fiz esta pesquisa. Às do meu cotidiano, em especial à Angel, que cuida da minha casa e de mim. Que enche as minhas manhãs nas segundas-feiras com histórias da sua vida, e me presenteia, no final do dia, com a experiência de chegar do trabalho e encontrar a casa pronta (do meu jeito e do dela!), fazendo acontecer em mim a sensação de também estar pronta para recomeçar a semana. Seu trabalho doméstico, como já sabemos, querida Angel, fez e faz eu conseguir produzir este trabalho acadêmico. Obrigada!

E às mulheres do grupo de leitura “Maternando-se”, por confiarem a mim suas histórias tão lindas, íntimas e potentes que encantaram meu pesquisar, fazendo o meu corpo dançar para escrever. Minhas mais importantes leitoras, o apoio, o carinho e o acolhimento de vocês, transformaram-me como pesquisadora e autora. Segui, porque cada uma de vocês permitiu e quis que eu fosse. Obrigada por lerem e acompanharem a produção deste texto; por retornarem mensagens tão atentas, afetuosas e participativas pelo WhatsApp. À Leka, em especial, por nos permitir a ocasião única de conhecer sua história única, de nos envolvermos com ela e nos responsabilizarmos pelo mundo que estamos criando (e que queremos construir) para você, querida, e para todas as mulheres mães; cada uma com suas histórias singulares.

Às minhas amigas da infância e da vida. Com as quais partilhei olhares, gritos alegres e sussurros, brincadeiras e molecagens que marcaram o meu ser e viver, disputando (sem eu saber) versões com a única história que era contada sobre nós meninas, e mulheres. Cotidianamente, obrigada por serem também rede de apoio, do tipo que vem e faz. Como no domingo de Páscoa, 09 de abril, em que eu precisei esticar o tempo para esta escrita, quando a Nana atendeu ao meu pedido de socorro e em menos de uma hora já tinha incluído minha filhota na programação dela com a família e chegava à porta da minha casa para levá-la. Foi um dia lindo, divertido e recheado de chocolates para a Maria; e foi um dia produtivo para mim. E assim, com ações práticas, afetivas e coletivas, esta pesquisa foi acontecendo. Cada linha a mais escrita, teve cuidado, teve alguém cuidando de alguma coisa por mim. Obrigada!

Teve também muita gente cuidando de mim. Acompanhando e ouvindo as minhas dores. As alegrias, em geral, foram compartilhadas por todas/os/es com quem eu cruzava. Mas as tristezas, as angústias, as perdas, algumas pessoas em especial carregaram comigo. Thaisa e Rafa, vocês foram meu colo e minha força. Foram, comigo, esperança e revolta. Conhecem tão bem minha vivência com o mestrado e com esta pesquisa, que poderiam vocês mesmas escreverem sobre ela. É impossível achar palavras para dizer da nossa parceria, então, vou usar as da Rafa: “Foi ótimo mesmo, amiga. Mas **a gente** não aguenta mais nada nesse caminho”.

Agradeço às pessoas lindas que encontrei no mestrado, colegas de turma. Ao José Junior e à Wanessa, pelas primeiras partilhas de escritas, tão afetuosas. À Dina, pelo exemplo de coragem e pela disponibilidade em me socorrer, oferecendo logo

tapioca e café quentinhos. À Maria e à Juliana, pelas trocas, aconselhamentos e apoios no WhatsApp que deram algum sentido a essa coisa esquisita de termos cursado um mestrado remoto, atravessadas pela pandemia.

Às minhas leitoras amigas. Nádia Meinerz, por validar as minhas experiências e os meus movimentos de aproximação com a academia; por validar os meus fuxicos e o eu-pesquisadora surgido com esta pesquisa. Telma Low, por tecer com o texto comentários tão encanta-dores que me fez lhe sentir conversando comigo. E em especial à Ligia Ferreira, prima querida que a vida e a família do meu companheiro me presentearam. Querida, sou tão feliz e grata pelas inúmeras vezes que você parou o que estava fazendo, apoiou o corpo na porta de casa ou sentou-se no chão da garagem para conversar comigo sobre esta pesquisa. Qualquer ocasião de passadinha na sua casa: - Prima, a Maria tá por aí? Você já vinha: - E aí, como tá a pesquisa? E aquele encontro cotidiano logo se tornava também um encontro de apoio acadêmico.

À minha orientadora Maria Auxiliadora Ribeiro, por ter me escolhido como sua orientanda, permitindo-me reingressar na academia. E especialmente, por ter deixado os caminhos abertos para nós, mesmo re-conhecendo os próprios limites e sabendo dos meus. E ao grupo de pesquisa Prosinha pelas quintas-feiras dedicadas aos nossos tão difíceis encontros remotos. A cada mestranda, agradeço por partilharem de seus trabalhos. Agradeço em especial à Ray e à Simone. Queridas, as palavras de gratidão e emoção, já cochichadas aos seus ouvidos, por tudo que nós três vivemos e fizemos juntas, para nos sustentarmos umas às outras em nossos percursos e chegarmos à defesa, não cabem nessa folha. Nós sabemos.

Ray, minha principal, mais presente e envolvida leitora. Amiga, obrigada por acompanhar minha escrita, por ajudar a ajustar o texto até nos aspectos de formatação. Obrigada por construir me permitir compreender a mim mesma na pesquisa e no pesquisar, por construir isso comigo cada vez que se envolveu e se entregou às minhas histórias e confusões. Foi tão lindo, tão potente, amiga, que dá vontade de fazer um podcast com os nossos áudios trocados pelo WhatsApp.

E à Simone por me ler de forma encantada. Querida, sua presença foi como a de uma mãe encantadora de histórias. Aquela mãe que nos conta coisas incríveis sobre nós mesmas, que nos apoia incondicionalmente, fazendo a gente acreditar que é e que pode ser. Fazendo ficar pequenininha a história que parece maior que a gente, que assusta como um monstro, a ponto de nos fazer encolher debaixo de cobertas. Você encantou minha história como escritora e acadêmica, querida, com suas versões tão lindas sobre mim-mestranda, sobre mim-pesquisadora; e cada conto seu tornou também possível eu me sentir maior do que o mostro, sair do esconderijo e fazer.

À Débora Allebrandt e à Carla Guanaes, pela participação e gentis contribuições na minha banca de qualificação. Débora, a primeira a me contar que pesquisa pode ser tanta coisa que haveria de me caber de alguma forma, em algum lugar. Obrigada, querida, por me aproximar da pesquisa acadêmica, primeiro com o projeto “Desafios e estratégias de educação permanente na saúde materno-infantil em Alagoas” e depois como aluna ouvinte nas suas aulas de Pesquisa Autoetnográfica. Obrigada, Carla, por me ajudar a perceber a beleza e a força com que eu fui me apropriando desse meu processo de reaproximação depois de 15 anos de conclusão da graduação. Pude perceber a potência no jeito como as leituras feministas abriram caminhos para mim e me conduziram.

Às professoras Marília Silveira, Aline Kelly e Simone Hüning por me apresentarem às escritas e políticas de pesquisa contra hegemônicas, e às escritas de mulheres do terceiro mundo. Academicamente, nesse mestrado, foi para mim o



mais importante de conhecer. Agradeço em especial à Marília, por continuar me acompanhando tão atenciosamente, pelo WhatsApp, por e-mail, nas leituras às minhas escritas... Por me escutar com interesse e respeito capazes de fazer existir o que eu intuía e pensava para esta dissertação.

A Ester Mambrine, por se entusiasmar com a minha escrita de modo a me fazer desejar criar mais com as palavras e com as histórias. Querida, eu nunca esquecerei todos os áudios de orientação e acolhimento pelo WhatsApp; todas as conversas dedicadas a conhecer e fazer crescer a minha autoria. Com você, eu soube que a escrita é um lugar para o qual eu sempre vou querer voltar.

A Márcia Moraes, por ter me acolhido generosamente como convidada nos encontros online do grupo PesquisarCOM e a todas/os/es as/os/es demais pesquisadoras/res integrantes por me fazerem sentir partilhando aquele espaço. Obrigada, queridas/os/es, pelo tanto de políticas de pesquisa que conheci com suas práticas. Em especial, à Ellen e à Lucila, pelas trocas e escutas mais ao pé do ouvido. É lindo perceber como suas palavras (faladas e escritas) viajaram com as materialidades das redes de computação e influenciaram meus processos de pesquisa e escrita aqui em Maceió.

Agradeço às queridíssimas amigas Natasha e Rosi, ao querido amigo Rafael. Tantos nomes, mãos, rostos e histórias eu poderia contar em agradecimento. Você, que em algum momento encontrei nessa caminhada, que esteve comigo, está também aqui. E eu lhe agradeço imensamente.

*Rodando a minha saia  
Eu comando os ventos  
Quem vem a minha praia vai ver  
A força que se espalha de alguns  
movimentos  
Que sei desfazer e refazer  
Quem pode compartilhar dos meus  
sentimentos  
Na hora que o refletor bater.*

(Maria Betânia, 'Nossos Momentos')

## RESUMO

Esta dissertação é um produzir e contar histórias. Produzir, contar, produzir, contar, produzir, contar... de um jeito tão intenso, e intencionalmente misturado, que se fizermos aquela brincadeira de repetir em voz alta essa sequência sem parar, “produzir contar”, tem uma hora que a ordem sonora se confunde, e parece mudar: Contar, produzir. Buscamos esta inversão, assim quisemos; pois as referências feministas com as quais nos encontramos nesse fazer nos dizem que pesquisar e escrever é contar histórias, que isso faz produzir mundos, e que importam também os modos de narrar. Escrevemos e contamos histórias esperando construir um mundo melhor para mulheres mães viverem. Produzimos histórias comandadas pela dor, reunindo a força que se espalha de movimentos que nós mulheres, juntas, sabemos desfazer e refazer, na vida e na pesquisa. Assim acompanhadas, ficamos instigadas para o como as nossas histórias de mulheres se movem no nosso texto “rodando as saias”, fazendo giros nas histórias contadas sobre nós; é o que nos inspira a perceber a imagem sonora do canto de Maria Betânia. Por isso a escrita é uma narratividade que reúne nossas vozes, permitindo movimentar a questão de como nos apropriarmos das nossas próprias histórias de mulheres e mães. Para isto, fizemos a passagem narrativa de uma única história a uma história única; esta é a nossa peça. Ela foi tecida com retalhos recolhidos de três experiências: a minha maternidade, o grupo de leitura Maternando-se, e o meu pesquisar no mestrado acadêmico em Psicologia. Com estes retalhos, embaralhamos as minhas histórias e as das mulheres com as quais me encontrei, e as quais eu li e reli, no caminho do viver e do pesquisar. Confundimos também os tempos e os contextos desses encontros. Imaginamos. Inventamos. Sem nos apegarmos a conceitos como realidade ou ficção. Pesquisamos com a vida, e a vida tem dessas coisas. A maternidade, a leitura e o cuidado foram os nós para costurarmos as histórias e fazermos existir uma peça única, singular. Tudo isso aconteceu, não é preciso provar. O momento agora é de colocar o refletor nessa direção e convidar a quem quiser vir perceber, sentir e compartilhar.

**Palavras-chave:** Histórias–Mulheres. Leituras feministas. Mulheres–histórias. Grupos. Maternidade.

## ABSTRACT

*This dissertation is about producing and telling stories. Produce, tell, produce, tell, produce, tell... in such an intense, and intentionally mixed, way that if we play that game of repeating this sequence aloud non-stop, "produce count", there is a time when the order sound gets mixed up, and seems to change: Telling, producing. We sought this inversion, that's what we wanted; because the feminist references with which we find ourselves in this work tell us that researching and writing is telling stories, that this produces worlds, and that the ways of narrating are also important. We write and tell stories hoping to build a better world for women mothers to live in. We produce stories driven by pain, gathering the force that spreads from movements that we women, together, know how to undo and redo, in life and in research. Accompanied in this way, we are instigated to see how our stories of women move in our text "turning the skirts", making turns in the stories told about us; this is what inspires us to perceive the sound image of Maria Betânia's singing. For this reason, writing is a narrative that gathers our voices, allowing us to move forward with the question of how to appropriate our own stories of women and mothers. For this, we made the narrative passage from a single story to a single story; this is our play. It was woven with scraps collected from three experiences: my motherhood, the Maternando-se reading group, and my research in the academic master's degree in Psychology. With these scraps, we shuffle my stories and those of the women I met, and whom I read and reread, on the path of living and researching. We also confuse the times and contexts of these meetings. We imagine. We invented. Without clinging to concepts such as reality or fiction. We research with life, and life has these things. Motherhood, reading and care were the knots to sew the stories together and make a unique, singular piece exist. All this happened, there is no need to prove it. Now is the time to put the spotlight in that direction and invite anyone who wants to come and understand, feel and share.*

**Keywords:** *Stories-Women. Feminist readings. Women-Stories. Groups. Maternity.*

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>MULHER, DEIXA EU FAZER UM FUXICO.....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>DE UMA ÚNICA HISTÓRIA A UMA HISTÓRIA ÚNICA .....</b>	<b>23</b>
<b>2.1</b>	<b>A dor como lugar de teorização .....</b>	<b>26</b>
<b>2.2</b>	<b>As coisas que sabemos na vida como lugar de produção .....</b>	<b>29</b>
<b>2.3</b>	<b>O grupo de leitura como lugar de fuga.....</b>	<b>33</b>
<b>2.4</b>	<b>O caminhar vulnerável como lugar de potência .....</b>	<b>37</b>
<b>2.5</b>	<b>A implicação como lugar de cuidado.....</b>	<b>43</b>
<b>3</b>	<b>DO GRUPO DE LEITURA ÀS LEITURAS DO GRUPO.....</b>	<b>51</b>
<b>3.1</b>	<b>Um reencontro fora do comum .....</b>	<b>55</b>
3.1.1	Novas linhas .....	58
3.1.2	Nós-leitoras.....	64
<b>3.2</b>	<b>Leituras, “remeximentos” e caminhos .....</b>	<b>69</b>
3.2.1	Reler-nos .....	71
3.2.2	Leitura com .....	77
<b>3.3</b>	<b>Tem que ser uma leitura com cuidado.....</b>	<b>84</b>
3.3.1	Cuidado para .....	87
3.3.2	Cuidar com .....	94
<b>4</b>	<b>MATERNANDO-NOS.....</b>	<b>102</b>
<b>4.1</b>	<b>HistóriaS.....</b>	<b>106</b>
<b>4.2</b>	<b>(Des)embaralhando as histórias .....</b>	<b>111</b>
<b>4.3</b>	<b>Fazer histórias .....</b>	<b>116</b>
<b>4.4</b>	<b>Só mais uma história?.....</b>	<b>125</b>
<b>5</b>	<b>UMA HISTÓRIA DE TODAS NÓS .....</b>	<b>136</b>
<b>6</b>	<b>PÓS ESCRITO .....</b>	<b>147</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>152</b>
	<b>APÊNDICE .....</b>	<b>157</b>